



Relato de Campo Associação Recreativa Consórcio (Arco) Futebol Clube

Data: 01/12/2012

Entrevistados (nome / função): Júlio Carlos de Souza (Julião / presidente do time); Miguel Domingues Neto (ex-jogador do Vila Carioca); Samuel Mendes de Souza (Mirandinha / ex-jogador do Arco FC)

Pesquisadores: Diego Viñas e Paulo Nascimento

Redator: Diego Viñas

Revisor: Pedro Barros (Tikinet)

Resumo

A Associação Recreativa Consórcio Futebol Clube é um clube da Zona Sul de São Paulo. Tradicionalmente, o time do Jardim Consórcio utiliza apenas a sigla Arco F. C. As cores de seu uniforme são azul e branca.

O primeiro contato do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) com o Arco aconteceu por meio do presidente Júlio Carlos de Souza, mais conhecido como Julião, que informou os pesquisadores sobre um amistoso da categoria veterano com a presença dos principais personagens da atualidade no Arco F. C. A visita do CRFB cocorreu no dia 1º de dezembro de 2012, no Campo do Barcelona. Além do presidente, foram entrevistados Miguel Domingues Neto e Samuel Mendes de Souza, mais conhecido como Mirandinha, ambos ex-jogadores.

O Arco F. C. tem uma grande rede de relacionamentos, sendo citado por diversos outros times e contatos realizados pelo CRFB. Com uma história de quase cinco décadas, a equipe atua também em vários outros campos além dos localizados na Zona Sul, marcando presença como convidada em grandes festivais e celebrações varzeanas.

Relato

A Associação Recreativa Consórcio Futebol Clube, ou simplesmente Arco F. C. do Jardim Consórcio, foi fundada em 23 de fevereiro de 1963. A data, no entanto, foi escolhida pelo atual presidente do time, Júlio Carlos de Souza, o Julião. Havia uma dúvida se o time fora fundado em 1961, 1962 ou 1963, o que fez Julião questionar um dos fundadores, Sr. Barbosa, e descobriu que a criação do time aconteceu numa época de Carnaval. Outros diretores tinham a certeza de que o ano da fundação era um número ímpar. Mais um indício da data são as fotos encontradas por Julião sobre a história do Arco, que, pelos registros, datam de 1963.

O primeiro campo oficial do Arco ficava na Avenida Interlagos, onde funcionava uma rede da Davox, concessionária de carros. Hoje, o endereço pesquisado da antiga Davox, no número 1.260, é um supermercado Extra. Outro campo utilizado pelo Arco foi o Campo do Brasil, que ocupava o terreno de uma cerâmica atrás da casa de Julião. “Eu costumo falar que tinha um

campo no quintal da minha casa, por isso eu sou bom de bola”, brincou o presidente. No mesmo terreno, havia um lago que acumulava muito barro usado das construções de telhas. Isso, segundo Julião, causou a morte de algumas pessoas que passavam por lá e não conseguiam mais sair, porque ficavam presas no barro. Seu pai, que trabalhava na empresa, pegou um trator, aterrou a lagoa e construiu o campo de futebol, que começou a ser utilizado pelo time de várzea da época, chamado Brasil da Vila Constância. Isso explica o campo ser famoso pelo nome Campo do Brasil.

Julião tem 52 anos, fez faculdade de administração de empresas e sempre trabalhou como vendedor e representante de vendas. Ele contou que por ter o campo atrás de sua casa iniciou na várzea, atuando como zagueiro pela Sociedade Esportiva Brasil da Vila Constância. No entanto, sempre admirou o Arco e quis jogar com a camisa azul e branca ainda na juventude. Um de seus melhores amigos, o Jaca, era filho de um dos então diretores do Arco, o Geraldão, também conhecido como Jacão. Por isso, Julião pediu para seu amigo ajudá-lo a realizar o sonho de vestir a tal camisa. “Naquele tempo, jogar em um time de futebol varzeano não era fácil como hoje. Eu fiquei quatro partidas seguidas sem me trocar, só indo assistir às partidas do Arco. Eu era titular no Brasil para ser só um acompanhante no Arco”, contou Julião.

Na estreia dele pelo Arco, o adversário foi o Flor do Guarani, no campo do Florendiano, perto do Aeroporto de Congonhas. Saiu da zaga para jogar na meia esquerda. Contra o Arco, o Flor contava com jogadores profissionais que estavam em férias de seus clubes, como Adãozinho e Basílio. O segundo quadro, pelo qual Julião atuava, empatava em 0 a 0 e, no primeiro lance, tentou dar um corte (drible) no atacante, que roubou a bola para o time adversário e marcou o gol. Depois de ser hostilizado pela torcida, Julião disse que se redimiou ao driblar três rivais para fazer o gol de empate.

Ainda sem espaço no primeiro quadro, Julião tratou de cuidar do segundo, tomando a frente para marcar jogos e cuidar do time, mantendo uma invencibilidade de 36 partidas. Depois de quatro anos, o time do primeiro quadro já não contava com os mesmos jogadores, que estavam com idade avançada.

Julião nasceu na região do Vale do Paraíba e mudou-se com a família para o bairro do Jardim Consórcio aos quatro anos de idade. Teve oportunidade de ser profissional atuando pela Associação Portuguesa de

Desportos. Quem o levou para a Portuguesa foi o presidente do Brasil da Vila Constância, que, por sua vez, era motorista de Oswaldo Teixeira Duarte, então presidente da Lusa (1970-1980). Mas, jogando na várzea, Julião quebrou o braço e por isso foi dispensado do clube do Canindé. Sobre o lance, ele contou que era um domingo, jogava pelo Arco, quando quebrou o braço contra a Portuguesa do Jardim das Oliveiras. “Eu nunca tinha feito essa referência. Eu podia ter sido profissional da Portuguesa e perdi a chance jogando contra uma Portuguesa. Cheguei a jogar contra Ferroviária, Paulista de Jundiaí”.

Foi aí que do segundo quadro Julião assumiu o time principal do Arco, o qual conquistou importantes títulos na década 1970, como a Copa Arizona, o Peladão de futebol de areia e o Campeonato da Grande São Paulo em 1978, contra o Vila Carioca, que contou com 1.200 equipes amadoras e o patrocínio das cadernetas de poupança Delfim e do jornal Diário Popular. Na ocasião, o time do Vila Carioca reforçou seu elenco com três jogadores profissionais do América Futebol Clube de São José do Rio Preto. Julião relatou que o adversário já contava com a vitória, mas o Arco resistiu e venceu por 2 a 0 em pleno Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi. Além disso, a partida era uma preliminar do jogo do Campeonato Paulista entre São Paulo Futebol Clube e Marília Atlético Clube, que tinha o uniforme também com as cores em azul e branco. Por causa disso, a torcida do São Paulo, já presente no estádio durante a preliminar, escolheu o Vila Carioca para torcer, já que o uniforme do Arco era parecido com o do Marília.

Outro título importante conquistado pelo Arco foi o Peladão, com sete jogadores em campos de areia, sendo campeão sobre o Colégio Bilac. O time do Jardim Consórcio parou suas atividades quando Julião casou, em 1990. Ficou seis anos com o time, mas o nascimento das filhas (Jéssica, em 1993, e Mariana, em 1995) não permitiu mais conciliar família com futebol. O Arco parou de atuar em 1996, permanecendo assim por seis anos. No meio tempo, Julião tornou-se sócio de um clube da Caixa Econômica Federal, no qual jogava bola e levava suas filhas para usar as piscinas. Quando o Arco parou as atividades, perdeu a sede que tinha no bar do Pedro Azulão, perto da Padaria Brasil, onde tinham os uniformes, fotos e troféus. Segundo Julião, o dono do imóvel jogou tudo na rua.

Em 2002, alguns jogadores de outros times da região do Jardim Consórcio começaram a dizer que o Arco F. C. nunca mais voltaria – Julião

contou que o desafiaram. “Era época de eleição. Eu falei que vou voltar com o Arco. O Norberto e o Paco duvidaram. Semana que vem, 2 de novembro, dia de Finados, eu vou ressuscitar com o Arco, 2 de novembro de 2002”, contou. Julião marcou um jogo contra o 7 de Setembro de São Bernardo do Campo com apenas 11 jogadores e dois torcedores (Jaca e Zeca Urubu). Vitória para o Arco por 2 a 1. No segundo jogo, já foram 16 jogadores. No terceiro, tinha 22 jogadores. “Na outra semana marquei três jogos. Um veterano e dois esporte. Começamos tudo de novo em março”, disse Julião, que lembrou ainda que, depois dessa atitude, seu casamento começou a entrar em crise, durando até 2010, quando se separou. Quando voltou com o time, Julião decidiu não guardar mais os troféus, presenteando jogadores e amigos com taças e compartilhando os prêmios com participantes importantes do time.

Julião chegou a deixar a presidência recentemente por conta de um grave problema de saúde, um acidente vascular cerebral (AVC). Ele relata que passou mal numa quinta-feira, após acordar de madrugada com vontade de ir ao banheiro. Quando se deu conta, estava com o lado esquerdo do corpo paralisado. Aflito, Julião buscou ajuda, mas despencou das escadas do sobrado onde ainda mora. Ficou desacordado por quase oito horas, quando foi acordado e atendido por ambulância a pedido de sua irmã. Foi constado o AVC isquêmico e ficou na unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Pedreira por dois dias. Em casa, ficou ainda um mês de cadeira de rodas. O fato curioso foi quando Julião ficou de pé pela primeira vez após o ocorrido. Segundo conta, um sobrinho dele, Érico, pegou o carro de sua mãe (Silvia, irmã de Julião) e levou seu tio para o Campo do Anhanguera (Zona Sul), alegando que ele estava muito triste em casa sem fazer atividades. Nesse momento, Julião disse, emocionado, que foi recebido pelos amigos, que o encorajaram a voltar à presidência do Arco. No dia seguinte, Júlio se colocara de pé. Para ele, Deus lhe devolveu a vida e o futebol o colocou de pé.